

LIVRO TRADICIONAL X LIVRO ELETRÔNICO: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva?

Suzana Ferreira Paulino

Universidade Federal de Pernambuco

suzanafpenglish@yahoo.com.br

RESUMO:

O livro envolve um suporte de importância cultural única e está associado ao poder, devido ao saber que a ele é atribuído e ao valor simbólico que ele representa na sociedade do conhecimento. Ele ainda constitui-se em um elemento referencial no processo de ensino-aprendizagem. O seu uso, em sua forma tradicional, é recorrente, contudo, alguns acreditam que seu fim está próximo devido às transformações causadas pelo surgimento do livro eletrônico e à incorporação das novas tecnologias na nossa sociedade. Este trabalho visa a refletir sobre o processo evolutivo dos livros, desde quando esses eram tidos como objetos de arte, seu estágio atual e sobre as previsões a respeito do seu futuro. Traçaremos um panorama histórico da evolução do livro e observaremos se o livro eletrônico é a ruptura com os antigos padrões do livro impresso ou se é uma continuação do processo evolutivo deste. O tema será abordado teoricamente. Acreditamos que o livro impresso permanecerá e que o texto eletrônico não eliminará o livro impresso, nem a existência da leitura, mas haverá uma transformação nas formas de construir significados.

Palavras-chave: Livro Impresso, Livro Eletrônico, Hiperleitura

ABSTRACT:

The book has an enormous cultural importance and it's related to power because of the knowledge it represents to the information society. The textbook is a reference element to the teaching-learning process. Its traditional form use is common in the classrooms; however, some say that it's next to its end due to the electronic book, softwares and the incorporation of new technologies in education. This work aims at reflecting about the evolutionary process of the books, since they were considered objects of art, their present moment and about the positive and negative predictions about their future. It will be observed if the electronic book is a break in the old patterns of the press book or if it is a continuation of the process. We will theorize about this theme. We believe the press book will remain and the electronic text won't stinguish it or the reading but the meaning construction process will be transformed.

Keywords: Textbook, Electronic Book, Hypertextual reading

Introdução

Segundo o Dicionário Aurélio (1999), livro é uma "reunião de folhas ou cadernos, cosidos ou por qualquer outra forma presos por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida". Para a Enciclopédia e Dicionário Ilustrado Koogan/Houaiss (1995) livro é "um conjunto de folhas impressas e reunidas em volume encadernado ou brochado". Percebe-se que o livro é definido apenas com uma noção de objeto material, com peso e volume determinados, que ocupa um lugar no espaço. Aldemario Castro (2004) afirma que "definir o livro pelo seu formato, pelo padrão tecnológico de sua confecção é um equívoco considerável". Geralmente desconsidera-se a essência da idéia de livro, o fato do livro ser um

veículo para o armazenamento e a divulgação de um conjunto específico de dados, informações e conhecimentos, sua mais importante função.

O livro indica sabedoria, status social e autoridade, decorrentes do saber que ele culturalmente possui. Sua história data de aproximadamente seis mil anos. Os vários povos utilizaram os mais diferentes tipos de materiais para registrar a sua passagem pelo mundo, aprimorar e difundir seus conhecimentos e experiências.

Os sumérios guardavam suas informações em tijolos de barro. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. No oriente, o livro era formado de tabulas de madeira ou de bambu atravessadas, reunidas por uma fivela.

Os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo, suas fibras unidas em tiras serviam como superfície para a escrita hieróglifa. A palavra papyrus, em latim, deu origem à palavra papel. Nesse processo de evolução surgiu o pergaminho feito geralmente da pele de carneiro, que tornava os manuscritos enormes.

Neste momento histórico o livro era considerado uma obra de arte, devido ao seu caráter artesanal, uma vez que era manuscrito página por página, produzido com material orgânico sem tratamento químico, trabalhado com figuras e ornamentações que valorizavam a obra. Não havia um processo de reprodução rápido e mecânico.

A partir da segunda metade do século XV surge o livro impresso. Os livros que foram lançados até 1500 e no período anterior a este ano são chamados de incunábulo, do latim *incunabulum*, berço. O mais conhecido, e um dos primeiros é a Bíblia de Gutenberg, a *B-42*, livro que inaugura, oficialmente, a fundação da imprensa no Ocidente.



Uma página da Bíblia de Gutenberg

A concepção de livro limitada à referência à sua tipografia, se cristalizou a partir do século XV com o surgimento da imprensa de Gutenberg. Esse equívoco gera conflitos e insatisfação conceitual com os avanços tecnológicos e a evolução do livro.

Segundo Machado (1994), o livro como o conhecemos vem do modelo do *códice* cristão. “O códice foi um formato característico de manuscrito em que o pergaminho era retalhado em folhas soltas, reunidas por sua vez em cadernos costurados ou colados em um dos lados e muito comumente encapados com algum material mais duro”. Esse formato foi eleito no século IV, pelos cristãos, como padronização das escrituras sagradas.

Inicialmente, livro (*liber*) referia-se a qualquer elemento para registro do pensamento, como a inscrição em pedra ou madeira, a tabuleta de cera, o rolo de pergaminho etc. (ARNS, 1993, apud MACHADO). Posteriormente, o livro refere-se ao códice e não há mais um termo para designar outros elementos de registro de pensamento.

Machado (1994) define o livro como “todo e qualquer dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas, de seus sistemas de crenças e os vãos de sua imaginação”. O autor cita Lucien Febvre (apud Martin, 1992, 15), para quem o livro é um instrumento que uma civilização dispõe para reunir o pensamento dos seus componentes e para divulgá-lo na sociedade.

As culturas literárias eram, geralmente, orais. Machado (1994) afirma que Platão define o livro, em sua obra Fedro, como *logos gegrammenos* (palavras escritas), entretanto o mesmo inseria-se numa sociedade oral. Nessas sociedade, a história da comunidade é guardada e repassada pelos mais velhos. O autor cita a fábula de Ray Bradbury em *Fahrenheit 451*, que trata da guarda e da transmissão da memória literária de uma comunidade pelos mais velhos do grupo, que mais tarde foi transformada em filme por François Truffaut.

O surgimento da imprensa transformou a realidade das sociedades, antes totalmente orais, nos âmbitos sociais, culturais, políticos e religiosos. Após a criação da imprensa, os eclesiásticos temiam que ela estimulasse a população comum a estudar textos religiosos por conta própria em vez de acatar o que era dito pelas autoridades. O Índice Católico dos Livros Proibidos, criado depois do Concílio de Trento, foi uma tentativa de lidar com esse problema. Outra possibilidade era, naturalmente, a igreja adotar o novo meio na tentativa de usá-lo para seus próprios objetivos.

Todas essas soluções de problemas criaram outros problemas e provocaram grandes mudanças nos estilos de leitura, escrita e organização de informações. Os livros foram, então, perdendo seu status de obra de arte. A existência de livros impressos facilitou a tarefa de encontrar informações quando de posse do livro certo, apesar do acesso restrito a esses objetos pelas classes dominantes.

Os livros impressos ficaram mais baratos, o que de certa forma tornou-os mais acessíveis. Acreditava-se que o impresso romperia a familiaridade entre o autor e os leitores. Entretanto, percebeu-se com o tempo que este rompimento não se confirmara. A relação autor-leitor permaneceu com características semelhantes às do tempo do manuscrito. Houve, então, uma continuação da cultura do manuscrito para o impresso. O que posteriormente ocorreu com o livro impresso e o livro eletrônico.

No contexto atual do livro impresso e com o surgimento do livro eletrônico, os mais pessimistas acreditam no fim do livro tradicional. A priori, essa questão é muito recente e necessita de mais reflexão e estudos, não existindo uma resposta final a respeito do fim do livro impresso. Contudo, o que se percebe é que as duas formas coexistem em harmonia com um público específico e fiel para cada formato.

O escritor Roger Chartier, em seu livro *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1999), sobre o lamento de alguns pelo surgimento do livro eletrônico e o provável fim do livro tradicional, diz que o historiador não deve promover um discurso utópico ou nostálgico, e sim científico, integrando todos os atores e todos os processos que fazem com que um texto se torne um livro de qualquer formato.

O surgimento e o aperfeiçoamento das tecnologias eletrônicas impuseram uma profunda modificação na apresentação ou forma de uma série de coisas tradicionalmente palpáveis ou materiais.

Sobre isso percebemos que dentre os vários conceitos de livro existem aqueles em que a forma não é elemento essencial. Na *Enciclopédia e Dicionário Ilustrado Koogan/Houaiss*, citada anteriormente, aparece a seguinte definição para livro: "obra em prosa e verso, de qualquer extensão". No *Dicionário Aurélio* encontramos "obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume".

Neste sentido, concluímos que uma forma específica ou um padrão tecnológico não integra os elementos fundamentais e constituintes da idéia de livro. Assim, a definição de livro deve ser buscada ou formulada sem ligação direta com os formatos. O livro, então, pode ser entendido como o veículo ou suporte, tangível ou não, de um conjunto específico de dados, informações ou conhecimentos.

O livro eletrônico seria justamente o veículo eletrônico de um conjunto específico de dados, informações ou conhecimentos. Atente-se para o fato de que o *Dicionário Aurélio* já consigna a expressão "livro eletrônico" como sendo "versão de um livro publicada em mídia digital, como, p. ex., CD-ROM".

Provavelmente, no que tange à temática do fim do livro, o que findará será a noção de livro como objeto impresso.

Neste artigo discorreremos sobre o surgimento do livro, seu caráter de obra de arte, sua transformação em livro eletrônico e as implicações dessas mudanças para a leitura nos dois formatos.

O Livro como Objeto de Arte

Parte das artes gráficas que, compreendendo a judiciosa escolha de papéis e tintas, a tipografia, a ilustração e a encadernação, tem por fim a harmoniosa integração, no livro de sua dupla função, de objeto de estudo e de objeto de arte.

Dicionário Aurélio

O livro é visto, tradicionalmente, como um objeto de estudo. Contudo, além de objeto catalisador, fornecedor de informações, conhecimentos, criador de aprendizagem e cultura, ele pode ser considerado um objeto de arte. Desde seu surgimento, quando ainda era caligrafado por frades e freiras no enclausuramento, página por página, o livro possuía artifícios e características que lhe concediam o título de objeto de arte, a arte do livro impresso.

Foi com William Morris que o renascimento da bela impressão se originou e o mesmo fez com que um livro impresso se tornasse uma obra de arte. Ele teve ajuda de Emery Walker. A partir do trabalho de ambos, o livro foi salvo da industrialização na Inglaterra, renovado nas suas qualidades artísticas e reavivado na beleza do livro medieval. Morris quis dar ao livro sua dignidade antiga de trabalho de arte.

Segundo Walker (2000), as características inerentes a um belo livro no seu “aspecto material, conteúdo literário à parte, dependem de três coisas: primeiro, o papel; segundo, o tipo e sua disposição; e terceiro, suas ilustrações, se requeridas como suplemento do texto”.

Sobre o papel, até a introdução das máquinas, este era de fibra vegetal. O uso do papel manufaturado, embranquecido por desgaste e lavagem aumentava o valor artístico da obra.



Manuscrito medieval

De acordo com o referido autor, um belo livro tem o tamanho do tipo adequado ao tamanho da página. A disposição das páginas deve obedecer a uma coerência em relação umas às outras e com a forma do livro. Ele também possui ilustrações que “devem ser reproduzidas e impressas pelo método mais apropriado à dignidade do livro, como cobres, esboços, fotogravuras, fototipos em preto e branco ou coloridos, todos devendo ser impressos em separado do texto ou, em alguns casos, dos desenhos a traço, que podem ser impressos junto aos tipos ou no próprio papel do livro”.

No século dezoito, a impressão por cobres gravados era praticamente a única maneira de reproduzir ilustrações. A xilogravura, cujo uso foi popularizado no final do século, introduziu um método mais simples e barato e, em paralelo com a litografia, suplantou o processo mais antigo.

Para Walker, os únicos métodos apropriados a um belo livro, além de cobres gravados ou litografia, são a fototipia e fotogravura, ou desenhos a traço impressos tipograficamente. Fazendo isso, as páginas tornam-se agradáveis de olhar e o livro passará a ser admirado constituindo-se numa obra de arte. Além de considerar o valor do livro como obra de arte, é importante citar sua função educativa e mediadora da produção de conhecimento.

Sobre o Livro Didático

Ao longo da história, desde seu surgimento na Alemanha, em 1583, o livro didático sofreu várias transformações. A sua trajetória possibilitou a formação de seres pensantes, sobre isso Bittencourt (1993, p.346) afirma: “Os livros podem ser classificados em duas grandes categorias: livros de leitura seqüencial e obras de referência, de acordo com seu conteúdo. O livro didático é componente das obras de referência”.

Na Idade Média, devido à excessiva efervescência religiosa na Europa, o livro passou a ser considerado como um objeto de salvação. Foi nesse contexto que pareceram, nessa época, os textos didáticos destinados à formação dos religiosos.

Wander Soares (2002) informa que o livro didático surgiu como um complemento aos grandes livros clássicos. Era direcionado ao uso escolar e reforçava a aprendizagem baseada na memorização reproduzindo valores da sociedade, divulgando as ciências e a filosofia.

O livro didático (LD), especificamente, constitui-se num elemento de referência para o processo de ensino-aprendizagem. Ele é um instrumento pedagógico que favorece o desenvolvimento intelectual e a formação sócio-política do aluno, além de transferir os conhecimentos orais à linguagem escrita. Em algumas situações, o livro didático acaba se tornando única fonte e meio de informação para alunos e professores.

No estudo do texto escolar, apresentado como ocorre atualmente nos livros didáticos não existe ou há pouco espaço para negociações do significado, pois os limites de atuação do

leitor na construção dos sentidos são previamente planejados pelos professores e/ou pelos autores das coleções didáticas. Não há uma relação dialógica entre autor, texto e leitor. Esse fato constitui-se numa desvantagem em relação ao texto virtual, sobre o qual discorreremos mais adiante.

Do Livro ao Não-Livro

O surgimento da Internet trouxe consigo um novo paradigma de livro (ou será de não-livro?) e criou tensões a respeito do fim da cultura de livro impresso e digital.

A mudança nos padrões tradicionais do livro impresso para o hiperlivro foi um processo que gerou temores aos que preferem e defendem a continuação do livro “tradicional”. Entende-se por “hiperlivro” o livro eletrônico.

Giselle Beiguelman (1999), em seu ensaio “O livro depois do livro” aborda as transformações ocorridas nos livros e no processo de leitura, abrangendo a não-linearidade textual, além de englobar a dimensão estética das obras. Esse material ilustra bem as inquietações referentes ao tema e trás elementos científicos para reflexão e discussão acerca da temática abordada.

Como objeto, o livro impresso não mudou muito com o tempo. A estabilidade dele é tanta que apesar das mudanças em sua disposição na internet, as telas mostram “páginas”, apresentando claramente elementos que abrangem relações entre as duas linguagens, a impressa e a tecnológica.

No final do século XX surgiu o livro eletrônico que se apresenta num suporte eletrônico que o virtualiza, o computador. Não se pode definir, ainda, se o livro eletrônico é um continuador do livro tradicional ou uma ruptura total com os antigos padrões de leitura, mas é consenso que é uma quebra com os antigos padrões materiais.

Para Chartier (1999) referindo-se ao livro eletrônico, “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”.

Este se caracteriza basicamente por ser um arquivo eletrônico estático onde os dados, informações e conhecimentos são armazenados para serem consultados pelo usuário (CASTRO, 2004). O referido autor afirma ainda que o livro eletrônico é essencialmente livro e o que modifica é somente a forma, o padrão tecnológico utilizado para a sua confecção.

Este novo modelo de livro promovido por um suporte virtualizador transformou as relações sensoriais, elementos importantes no processo de leitura. O que antes era entendido como livro cede espaço para uma nova formatação que constitui o não-livro. A tela não possibilita a sensação do toque, do manuseio, como o livro tradicional. Não há mais uma relação afetiva; os sentidos não são mais os mesmos aguçados como no livro tradicional, no qual se fazem presentes e bem marcantes o tato, o contato direto com o objeto, a visão, que é

atraída pela cor, pelo formato e até o olfato que identifica se o livro tem cheirinho de novo, de velho, etc. No livro eletrônico apenas a visão atua extensivamente.

Trata-se de um processo que transcende o livro impresso, seu conteúdo, os conceitos de autoria, a noção de diálogo, alargando o conceito de leitura, uma vez que a interatividade é um elemento constante nesse novo formato, que permite o alargamento da noção de leitura e que vai além do livro como conhecemos.

Leitura no Livro Impresso e no Livro Eletrônico

Iniciaremos este tópico com um questionamento de Emilia Ferreira (1994:41) “Diante da ação das novas tecnologias que estão chegando, qual vai ser o leitor do século XXI?” Este questionamento permeia as dimensões pedagógicas desde o surgimento das novas tecnologias e sua utilização para fins didáticos.

As práticas da leitura sofreram influência da inclusão das novas tecnologias e seus suportes na sociedade. Em virtude disso, alguns pessimistas insistem em prever o fim do livro impresso. Apesar do pessimismo e da ameaça que as novas tecnologias possivelmente representam para este suporte visualizamos uma nova forma de apresentação do livro e interação deste com o leitor.

A interação dos indivíduos com a tecnologia é o que tem transformado os próprios indivíduos, induzindo-os a comportamentos e reações novas diante de situações já conhecidas. Esse processo vem ocorrendo na leitura do livro eletrônico. Vejamos a seguir como se processa a leitura.

Inicialmente a leitura era entendida como um ato individual que focalizava o produto final. Segundo Pinto (2004) ela passou a ser visualizada como processo cognitivo quando Huey (1968, apud Pinto, 2004) integrou o significado nas sentenças com a memória, enfatizando a integração de fatores internos e externos, mas os estudos permaneceram como estavam, contemplando só o produto e não o processo.

Na segunda metade do século XX a leitura recebeu contribuições da psicolingüística que aliada à teoria socioconstrutivista alegam que estão presentes nos três eixos que compõem a leitura: leitor, texto, contexto da aula. No contexto atual, com a incorporação de novas tecnologias na educação, podemos dizer que os eixos que compõem a “hiperleitura” são: hiperleitor, hipertexto e contexto hipertextual.

Para Xavier (2002), hipertexto é uma forma de linguagem híbrida e dinâmica que interage com outras interfaces semióticas e acomoda em sua superfície várias formas de textualidade.

A relação de interatividade entre leitura e hipertexto, aqui representado pelo livro eletrônico, favorece a aprendizagem baseada em pressupostos cognitivos, sociodiscursivos, uma vez que permite a ação do aluno sobre o conteúdo e possibilita um diálogo, mesmo que

virtual, com o texto. Para nossa investigação, leitura é entendida como atividade de linguagem numa prática social, um processo sociointeracional.

Xavier aborda a leitura enquanto processo de co-produção de sentido de textos e hipertextos. O autor considera as possibilidades de mudança nos processos de leitura com as novas tecnologias da educação, enfatizando o uso do hipertexto na Internet.

Leitura pode ser então, compreendida como um processo complexo, que envolve aspectos cognitivos e de interatividade, no qual os conhecimentos prévios do leitor, suas experiências culturais, sociais e interativas, junto com as informações textuais são acionados para formarem o sentido e a compreensão da mensagem do texto.

Portanto, o sentido do texto não está em suas palavras, nem na mente do leitor, mas está na interação texto-leitor-contexto, unindo as informações que este já possui com as que o texto fornece para que ele infira significados e represente mentalmente o que o texto provoca ou descreve.

Segundo Santaella (2004) o leitor virtual desenvolveu um outro (sexto) sentido nas pontas dos dedos, acionado ao clique de um *mouse*. A distribuição e organização do texto em uma tela não são a mesma dos livros do leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso. Essa nova apresentação implica em mudanças no processo de leitura do texto em um novo suporte.

A leitura de um texto seja ele impresso ou num suporte que o virtualiza, pode exigir do leitor diferentes estratégias de leitura e cada formato pode mudar a maneira de se ler o texto. As novas modalidades de leitura, escrita e organização da informação provocaram por sua vez suas próprias conseqüências imprevistas, tanto no campo social quanto no intelectual.

Chartier (2002), citando Martin 2000, aponta a necessidade de compreensão de dois aspectos: dos textos que têm as significações modificadas ao mudarem suas formas de “feitura” ou de sua paginação e do público leitor, que tem a composição social e expectativas culturais mudadas ao se modificarem as possibilidades de acesso à cultura impressa.

Todo leitor diante de uma obra a recebe em um momento, uma circunstancia, uma forma específica e, mesmo quando não tem consciência disso, o investimento afetivo ou intelectual que ele nela deposita está ligado a este objeto e a esta circunstância. A obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega, a cada vez, um outro significado, uma outra leitura.

A leitura é sempre apropriação, invenção produção de significados [...] apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui se autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitor não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são

inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (Chartier, 1999:77)

De acordo com Marcuschi (2001) sobre a atividade de produção de sentidos, para se compreender um texto é necessário 'sair' dele e de algum modo, o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio. Ler compreensivamente é partir dos conhecimentos fornecidos pelo texto, dos conhecimentos de mundo e socioculturais para inferir um sentido para o texto que será produzido fora dele.

Considerando que o hipertexto oferece uma multiplicidade de caminhos a seguir, podendo ainda o leitor incorporar seus caminhos e suas decisões como novos caminhos, inserindo informações novas, o leitor-navegador passa a ter um papel mais ativo e uma oportunidade diferente da de um leitor de texto impresso (Marcuschi, 2007).

Como já afirmamos, o processo de leitura no texto impresso não é o mesmo aplicado no texto eletrônico. Pesquisas indicam que a leitura num suporte de papel é cerca de 1,2 vez mais rápida do que em um suporte eletrônico, o que se constitui em uma desvantagem para o texto eletrônico, mas estudos visam a melhorar a percepção dos livros eletrônicos.

O Fim do Livro ou Uma Continuação no Processo Evolutivo

Sobre o fim do livro, Lucien Febvre (in MARTIN, 1992:14, apud MACHADO) afirma: "Na metade do século XX, não temos certeza de que [o livro] possa ainda por muito tempo continuar a desempenhar seu papel, ameaçado como está por tantas invenções baseadas em princípios totalmente diferentes".

Ainda sobre o referido tema, Benjamin, em 1929, com uma visão futurista (1978,77-79), dizia que "o livro, na sua forma tradicional, encaminha-se para o seu fim".

Marshall McLuhan afirmou que o fim do livro ocorreria na década de 80, do século passado. Entretanto, o livro impresso, apoiado na grande indústria do papel, continua a existir e movimentar grandes montantes em vendas anuais no mundo inteiro. Ele tem um público fiel que possivelmente vai resistir e existir concomitantemente ao acesso eletrônico.

Quando McLuhan, na década de 60, previu o fim do pensamento linear introduzido pela escrita e aperfeiçoado na invenção da imprensa, profetizava o fim do livro. Entretanto, o fenômeno não se confirmaria, ao contrário, o livro está se apropriando dos avanços da tecnologia. Esse temor remete ao medo que surgiu com a chegada do cinema e da televisão nas artes. E apesar de tudo, todos resistiram e co-existem na sociedade.

No processo de reflexão sobre o "fim" do livro é importante observarmos que sempre utilizamos o verbo "continuar". Esta prática é um indício que revela a existência do

reconhecimento por parte da sociedade da permanência do livro nos processos sócio-educativos ao longo do tempo.

Na tentativa de promover e proteger o livro didático, por exemplo, foi criado o Dia Nacional do Livro Didático, comemorado a 27 de fevereiro, como forma de reconhecer e valorizar esse livro que é um instrumento de trabalho para o ensino e a aprendizagem escolar, essencial na formação das novas gerações, e constitui-se num elemento que contribui para o trabalho do professor. Este que muitas vezes se sente a hegemonia do livro impresso ameaçada pelo livro eletrônico,

Percebemos que apesar do surgimento do e-book, o fim do livro impresso está distante de ocorrer, pelo contrário, está acontecendo uma volta às origens, a busca pelo belo que dominava os exemplares antigos. Esta retomada foi iniciada por Morris.

O retorno do livro como objeto de arte visa a atribuir valor e beleza a um objeto que agora retoma seu status de objeto de arte. Dessa forma ele está garantido como algo digno de apreciação e reconhecimento.

Considerações Finais

Adotamos uma abordagem teórica para investigar o fim, ou a continuação, do livro, desde sua concepção como objeto de arte até os dias atuais. Acreditamos que não é possível traçar uma conclusão definitiva que encerre esta questão. É preciso que haja mais pesquisas científicas analisando os aspectos constituintes do processo e as suas implicações, vantagens e desvantagens, para a leitura.

Não podemos desconsiderar a relevância das novas tecnologias no atual contexto social e educativo da nossa sociedade globalizada. Nem podemos fechar os olhos ou ignorar as transformações e os avanços tecnológicos, ou mesmo, desprezar todo um construto histórico do livro tradicional.

Percebemos que o livro eletrônico já é uma realidade, que devemos aproveitar seus benefícios sem ignorar a continuação do livro impresso. Este possivelmente permanecerá contribuindo conteudisticamente, metodologicamente e socialmente para a (r)evolução da sociedade humana como um todo.

Assim como afirma Chartier “o mais provável para as próximas décadas é a coexistência, que não será forçosamente pacífica, entre as duas formas do livro e os três modos de inscrição e de comunicação dos textos: a escrita manuscrita, a publicação impressa, a textualidade eletrônica”.

É importante revermos o conceito de livro para entendermos o processo evolutivo deste. O texto eletrônico não encerra a vida do livro impresso, nem a existência da leitura, mas abrange uma transformação nas formas de construir significados. À medida que o homem tiver necessidade de registrar sua história e seu pensamento, ele criará novos elementos que

atendam às necessidades do seu tempo, permitindo uma leitura adequada aos objetivos de cada leitor.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Reflections: essays, aphorisms, autobiographical writings*. New York, Helen & Kurt Wolff, 1978.
- CAMPOS, Haroldo de. *Isto não é um livro de viagem* (CD). Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
- CASTRO, Aldemario Araújo. *A Imunidade Tributária do Livro Eletrônico*, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- _____. *Os Desafios da Escrita*. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. Editora UNESP. São Paulo, 2002.
- Dicionário Aurélio Eletrônico - Século XXI*. Versão 3.0. Novembro de 1999.
- Enciclopédia e Dicionário Ilustrado Koogan/Houaiss*. Rio de Janeiro: Delta, 1995.
- HUEY, E. B. *The psychology and pedagogy of reading*. Cambridge, MA: MIT Press, 1968.
- KOCH, Ingedore V. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MACHADO, Arlindo. *O fim do Livro? Estudos Avançados*. Vol.8 no. 21 São Paulo, Mai/Ago, 1994.
- MARCUSCHI, Beth & CAVALCANTE, Marianne. Atividades de escrita em livros didáticos de Língua Portuguesa: perspectivas convergentes e divergentes. In: M.G. Costa Val & B. Marcuschi (orgs.) *Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania*. Belo Horizonte, CEALE/AUTÊNTICA, 2005, p. 237-260.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio.. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: _____. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Coleção Dispersos. São Paulo, Lucerna, 2007.
- _____. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). *O livro didático de português*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001, p. 46-59.
- _____. e XAVIER, Antônio Carlos (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- MARTIN, Henry-Jean & FEBVRE, Lucien. *O aparecimento do livro*. São Paulo, Hucitec/Ed.Unesp, 1992.
- MATLIN, Margaret W. *Psicologia Cognitiva*. LTC, Rio de Janeiro, 2004.
- McLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1972.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Misión del bibliotecario y otros ensayos afines*. Madrid, Revista de Occidente, 1967.
- PINTO, Abuêndia Padilha. *Processos cognitivos e estilos individuais: uma proposta para o desenvolvimento da autonomia do leitor*. 1996. Tese de Doutorado. PUC, São Paulo, 1996.
- PINTO, A. P.; BARBOSA, A. G.; SANTOS, L. (2004). *Inglês Instrumental*. Recife, PE, UFPE.
- SANTAELLA, Lúcia. 2004. *Navegar no Ciberespaço. O Perfil Cognitivo do Leitor Imersivo*.
- SOARES, Magda. Livro Didático: Contra ou A Favor? Disponível em:
www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/artigo .
- SOARES, Wander. *O Livro Didático e a Educação*, 2002. Disponível em: www.abrelivros.org.br
- SOARES, Wander. *A tecnologia, o livro e a leitura*, 2003. Disponível em: www.abrelivros.org.br.
- Pesquisado em 15/03/08. www.escriitoriodolivro.org.br. Pesquisado em 15/03/08.

WALKER, Emery. *Imprimindo Belos Livros: Alguns Princípios*. Tradução de Bárbara Leal, 2000.

Disponível em www.escriitoriodolivro.org.br. Acesso em 13/05/08.

www.pnld.org.br. Pesquisado em 27/03/08.

www.wikipedia.org. Pesquisado em 27/03/08.

ⁱ www.uol.com.br/augustodecampos

ⁱⁱ Refiro-me às já conhecidas categorias de Charles Sanders Peirce.